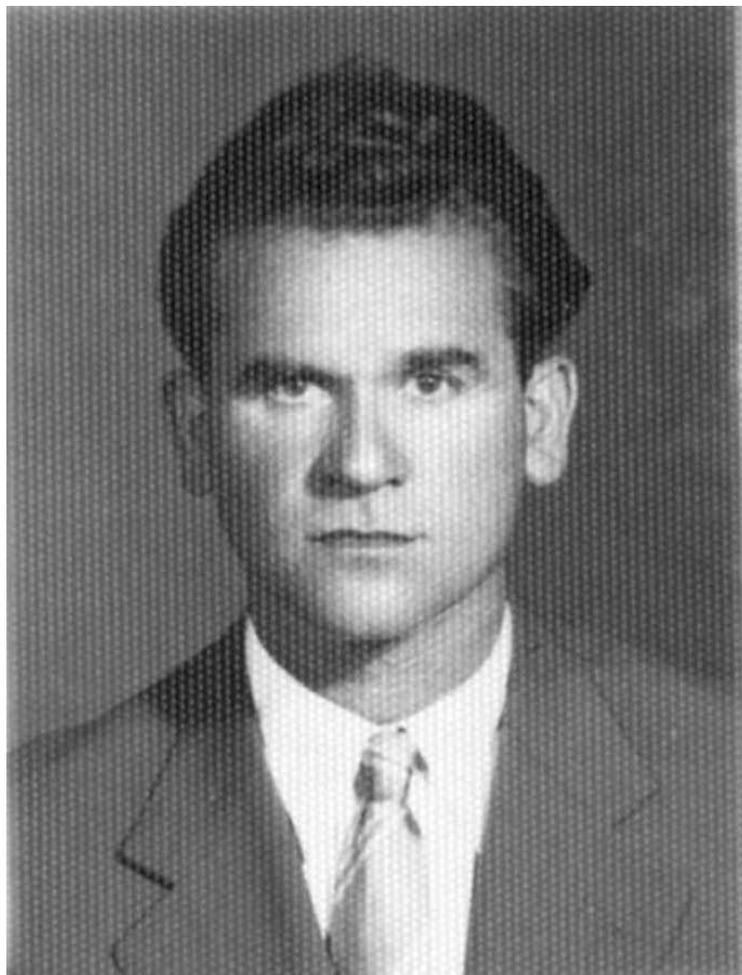


SANDOR ROSENFELD¹

(Romênia, 1919; Brasil, 1999)



Sandor Rosenfeld, s.l, s.d.

Acervo Magdalena R. Lublinski/SP; Arqshoah/
LEER-USP.

1 Entrevista concedida por Sandor Rosenfeld a Feigue Killner Faingezicht. S. Paulo, 3 de abril de 1997. Transcrição: Esther Regina Neistein, pesquisadora Arqshoah/SP. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Rebeca Paixão Moura.

Minhas raízes judaico-romenas

Meu nome é Sandor Rosenfeld, mas já usei outros nomes, por exemplo, Alexander Sandor Rosenfeld. Nasci em Cluj-Napoca, conhecida como Cluj, capital da Transilvânia, na Romênia, cidade muito antiga.^A Hoje tenho 78 anos. Sou filho de Leopold Rosenfeld e Zseni [Geny] Nussbaum, nascida na Romênia, assim como meu pai. Éramos em oito irmãos: José, João, Rosa, Berta, Shibi, Irene, Shloime e eu, Sandor. Sou irmão gêmeo de Shloime, mas vivíamos em dois mundos distintos. Desde criança eu fui muito retraído, sempre solitário, gostava de jogar futebol e pingue-pongue, enquanto Shloime com seus 10-12 anos andava na rua com livro de Marx.

A- A Transilvânia é uma região histórica situada no centro-oeste do que é atualmente a Romênia. A maior cidade da Transilvânia histórica é Cluj-Napoca (também chamada de Klausenberg), sendo também a terceira maior cidade da Romênia com 321.687 habitantes em 2016. É um importante centro universitário e industrial, a pouco mais de 450 quilômetros de Bucareste. Cluj passou sucessivamente por três reinos: húngaro, austro-húngaro e romeno, tendo sido integrada à Romênia após a Primeira Guerra Mundial. Durante a Segunda Guerra Mundial, a população judaica local viveu os horrores praticados pelos nazistas e, somente após 1945, a Transilvânia e, por conseguinte, Cluj, foram integradas definitivamente à Romênia. Em 1974, o governo comunista acrescentou “Napoca” ao nome da cidade.



Cluj-Napoca, na Romênia, cidade natal de Sandor Rosenfeld.
Google Maps.

Desde meu nascimento até começar a guerra, todos nós morávamos em Cluj, considerada relativamente uma cidade

grande, cidade de cultura, com hospitais, bibliotecas, Instituto Pasteur e Jardim Botânico. Naquela época, a população era de 90 mil habitantes, aproximadamente, sendo 10 mil judeus mais ou menos.



Cluj vista desde o Belvedere (Cetățuia), próximo do centro da cidade. Foto de Ana Maria Catalina, 21 de agosto de 2012. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cb/Cluj-Napoca-_vedere_de_pe_Cet%C4%83%C8%9Buaia-IMG_0688.JPG>. Acesso em: 30 out. 2019.

Pertencíamos à classe média, tendo boas condições de vida. Meu pai tinha uma loja de tecidos, mas foi por pouco tempo. Ele faleceu com 39 anos. Como minha mãe não tinha a menor noção dos negócios do meu pai, em dois ou três anos nós chegamos à extrema miséria. Ficamos abaixo da pobreza absoluta, passamos simplesmente fome, anos e anos. Minha mãe não imaginou que o marido iria falecer tão jovem, decorrente de uma operação de hérnia. Até hoje não sei como conseguimos sobreviver. Perdemos tudo, tudo, tudo...

Eu comecei a trabalhar com 13 anos. Na Romênia não era proibido o trabalho infantil, como acontece hoje aqui no Brasil. O aprendizado era feito da seguinte maneira: os patrões se encarregavam de ensinar a profissão no decorrer de três anos através de um contrato legal com os pais do moleque ou do rapaz. No entanto, durante este período, não se ganhava um tostão. Eles não pagavam, nós éramos explorados da pior maneira possível. Fiquei trabalhando

como metalúrgico durante sete anos. Meu irmão mais velho tornou-se escultor de madeira, quando era moda ter um lustre de bronze fundido. Mas, para fundir, precisava-se de um molde de madeira e da metalúrgica geral. Usávamos a metalúrgica à moda antiga pois nós fabricávamos tudo, sendo lustres o principal produto.

Eu não cheguei a concluir o ginásio. Minha mãe não podia pagar a escola, tanto assim que no segundo ano do ginásio a direção não permitiu que eu fizesse o exame porque nunca pagamos. A opção foi deixar aquele que estudava mais e era o melhor: meu irmão gêmeo, um gênio. Eu fiquei lá no fim de mundo, nem acabei o ginásio. Ele tinha ótima cabeça, sempre esteve entre os três melhores da classe. Como éramos gêmeos e tínhamos um livro só, sempre ficávamos juntos, encostados um no outro, então ele me salvou sempre por fazer as minhas lições. Isso é que é verdade.

Judaísmo e sionismo

Sobre o judaísmo na minha família, minha mãe veio de uma família judia assimilada, e o meu pai de uma família tradicional. Mantínhamos o Shabat* e frequentávamos as Grandes Festas. Quando meu pai faleceu, minha mãe fez todo o possível e o impossível para manter as tradições judaicas, mas não conseguiu. Cada um foi para um lado, outro lado e, assim, mudou tudo, não tinha judaísmo. Frequentávamos a sinagoga em Cluj enquanto meu pai viveu... depois não.

A comunidade judaica de Cluj era muito antiga e de classe média baixa. Acho que apenas 20% eram religiosos e os demais não, nada, absolutamente nada, e entre eles eu. Os judeus em Cluj tinham acesso à universidade, mas depois foi proibido. A cada dez



A sinagoga de Cluj, frequentada pela família de Sandor Rosenfeld, estabelecida no início do século XX por um grupo que incluía muitos artesãos, carpinteiros, alfaiates e sapateiros. Cluj, 2000. Fotografia de David Gordon. Disponível em: <<https://yivoencyclopedia.org/search.aspx?query=Cluj>>. Acesso em: 1º nov. 2019.

judeus, somente um podia seguir o curso superior. Não nos sentíamos discriminados pelo fato de sermos judeus, assim abertamente não, mas como em toda a Europa Central, sempre fomos judeus.^A Mesmo na metalúrgica onde eu trabalhava, escutávamos alguns xingamentos, mas nada graves, assim pesadamente não. Tudo começou a mudar antes mesmo do início da Segunda Guerra Mundial.

Cluj era o centro do sionismo^B da Romênia, desde a extrema direita até a extrema esquerda. Mesmo não sendo um ativista, indiretamente a gente era sionista. Assim como todo mundo, vivíamos num “ar de sionismo”. Enquanto eu dormia, meu irmão gêmeo ia se encontrar com os sionistas; quando me levantava para trabalhar, ele chegava do encontro sionista. Ele era um idealista fanático. Por esse motivo, ocorreram atritos na família, pois precisávamos trabalhar para ganhar dinheiro.

Tempos de mudanças

Tudo começou a mudar quando os húngaros chegaram na Transilvânia. Eles eram terrivelmente antissemitas e se tornaram ainda mais encorajados pelos nazistas. Nós, infelizmente, não tivemos sorte, porque antes da guerra minha irmã mais velha pegou uma tuberculose de osso e teve que amputar uma das pernas. Também não tínhamos recursos para atender tais problemas e nem podíamos ultrapassar 30 quilômetros além da nossa residência. Somente assim escaparíamos de tudo. Creio que os romenos perseguiram os judeus menos que os húngaros. Os judeus húngaros, por sua vez, eram muito mais assimilados e sempre se projetaram nos esportes, nas ciências, em tudo.

A- Entre 1921 e 1931 a comunidade judaica da Romênia vivenciou momentos de estabilidade sob a gestão do primeiro-ministro István Bethlen, período em que as políticas antijudaicas também diminuíram as demandas antissemitas do grupo ASA, de extrema-direita. Apesar dos protestos das organizações judaicas húngaras, a lei do *numerus clausus* permaneceu em vigor por muitos anos, embora seja verdade que em alguns casos (especialmente em universidades do interior) sua implementação foi limitada. Após longas negociações, a lei foi finalmente modificada em 1928, mas não totalmente eliminada; maior ênfase foi dada à porcentagem de certos grupos socioeconômicos e profissionais. Em 1928, os judeus como grupo religioso ganharam representação pela primeira vez na Câmara alta do Parlamento. Immánuel Löw, o rabino de Szeged, foi eleito para representar a comunidade Neolog; Koppel Reich, o rabino da comunidade ortodoxa em Budapeste, representou os ortodoxos.

B- *Hovevêi Tsion* (Amantes de Sion) é um movimento sionista que surgiu na Rússia e Romênia por volta de 1880 como consequência do fracasso da emancipação judaica e o aumento das perseguições antissemitas. Era uma associação de jovens autodenominados *Amantes de Sion*, liderados por Moshê Leib Lilienblum e Yehuda Leib Pinsker, que defendiam o retorno dos judeus a sua terra ancestral. Tornou-se precursora do sionismo político moderno, surgido por inspiração principalmente de Theodor Herzl a partir da publicação de *O Estado Judeu* em 1896 e, posteriormente, da convocação do primeiro Congresso Sionista na Basileia em 1897. A abertura do congresso foi realizada pelo Dr. Karpel Lippe, romeno, membro mais velho presente do movimento *Hovevêi Tsion*.

Os húngaros entregaram os judeus aos nazistas com a maior facilidade, enquanto os romenos não. Até então, sentíamos o antissemitismo, principalmente quando alguém xingava um judeu, parava por aí. Começamos a perceber alguma movimentação quando eu tinha 20 anos, mais ou menos, momento em que o movimento sionista também ficou mais forte. Como a Romênia tinha um acordo na região da Constança, na costa do Mar Negro^A e sendo os romenos corruptos, a imigração (ainda ilegal) de judeus para a Palestina foi facilitada. Muitos dos meus amigos foram para lá antes de começar a guerra, e assim escaparam. Nós não! Eu não podia ir por não ter recursos e também porque minha irmã estava com uma das pernas amputadas. Mesmo assim pensávamos em sair do país, lógico! Tanto que pensávamos assim: conseguiremos viver na Palestina, pois somos profissionais e educados a olhar para frente, para o futuro. Então, meus irmãos diziam: “Vamos para a Palestina, pois já temos uma profissão”.

Quando a guerra estourou em 1939, fui recrutado para servir o Exército romeno. Eu tinha 21 anos, isso em dezembro. Mas, em janeiro de 1940 chegaram os húngaros, que tiraram as armas e as patentes dos judeus. Chamaram os novos recrutas para servir o Exército húngaro, pois nessa época a Transilvânia já fazia parte da Hungria. Nos deram uniformes e uma faixa amarela para ser usada no braço, “marcando” os judeus. Nos davam tarefas que humilhavam: sobe na árvore, faça isto, faça aquilo!^B

Quando os húngaros ocuparam a Transilvânia, nós (judeus) fomos recrutados para trabalhar no extremo norte na Hungria. Quem mandava eram os húngaros (cristãos) que

A- Constança é um *județ* (distrito) da Romênia, na região da Dobruja, na costa do Mar Negro. Sua capital é a cidade de Constança. A maioria da população local é romena, mas existem também importantes comunidades de turcos e tártaros, remanescentes da época do Império Otomano, assim como de ciganos.

B- No início de 1943, o governo húngaro iniciou um programa para eliminar todos os judeus da vida pública e cultural, e uma política foi implementada limitando a 6% o total de judeus na economia (a porcentagem familiar de judeus na população em geral). As terras pertencentes ou alugadas por judeus foram quase totalmente confiscadas, e a legislação de “proteção à raça” separou os judeus do restante da sociedade húngara. Quando a situação piorou no início de 1944 e a Hungria começou a procurar os Aliados, Hitler ordenou a ocupação militar do país. O Holocausto húngaro foi a consequência da invasão em 19 de março, sendo simbolizado pelo aparecimento do Comando Eichmann em Budapeste, entre 19 e 21 de março de 1944. Em 22 de março, Döme Sztójay formou um novo governo composto principalmente por elementos pró-nazistas extremos. O ministro do Interior, Andor Jaross, foi designado para lidar com assuntos judaicos, sendo as etapas práticas coordenadas pelos subsecretários László Baky e László Endre. As organizações judaicas foram dissolvidas em todo o país e, em 20 de março, um conselho judaico composto por oito membros foi criado em Budapeste, sob o comando dos alemães ocupantes, a fim de lidar com os assuntos da comunidade judaica.

ocuparam a Transilvânia. Deveríamos trocar os dormentes das estradas de ferro e fazer as pavimentações dos mais diversos lugares da Hungria. Lembro-me de que nos levaram para acudir uma cidade onde ocorreu uma inundação. Precisamos consertar a estrada de ferro e, em seguida, fomos para outro lugar, mudando constantemente. O meu batalhão pertencia a uma cidade no sul da Hungria chamada Moh acs, que ficava encostada no Danúbio. Lá, onde tem uma caserna fluvial, fomos instr idos a construir pontes sobre o Danúbio para os soldados passarem.  ramos em cinco rapazes, além de meus tr s irmãos, entre os quais meu irmão gêmeo. Um dos meus irmãos morreu servindo o Exército e nunca mais soubemos dele. Esse foi seu destino. Outros dois faleceram antes da guerra; e as moças ficaram em casa.

Creio que duas vezes, no decorrer de cinco anos, consegui visitar minha família por algum motivo, não me recordo mais. Além disso, passei por lá uns dois dias e depois nunca mais. Eu tinha notícias, mas depois, já na Rússia, soubemos que nossas famílias foram levadas para um *Lager*, sobre o qual não tenho a menor ideia. Na nossa cidade moravam cerca de dez mil judeus. Os húngaros comandavam e eram bem antissemitas!^A

Em outubro de 1942, as tropas dos exércitos húngaro, romeno e italiano foram para Rússia, forçadas pelos nazistas. Aliás, nem precisaram forçar muito, elas foram! Nós, judeus, fomos agrupados para construir *bunkers*, recolher minas e outros tipos de trabalho. Viajamos em um vagão aberto, quando já havia um inverno rigoroso, com muita neve.^B

A primeira parada foi na cidade de Chernigov, que fica antes de Kiev, na Ucrânia. Andamos a p  por l  durante

A- As deporta es começaram em 15 de maio de 1944. As autoridades húngaras e alemãs organizaram o processo em conjunto, mas o transporte de judeus para as fronteiras do norte era tarefa do governo húngaro. Entre 15 de maio e 7 de junho, aproximadamente 290 mil pessoas foram transportadas da Zona I (Subcarp cia) e Zona II (Transilvânia do Norte). No final de junho, mais de 50 mil pessoas foram deportadas da Zona III, que englobava o noroeste da Hungria e os territórios ao norte de Budapeste. Os judeus da Zona IV (Grandes Plan cias e Transdan bia Central) – cerca de 41 mil – também foram deportados até o final de junho. A última fase foi a deporta o de mais de 55 mil judeus que viviam na Zona V (Transdan bia e subúrbios de Budapeste) até 9 de julho. Um total de 437.402 judeus foram deportados, a maioria (95%) para Auschwitz. Os capazes de trabalhar (talvez 10%) foram selecionados l  e enviados para campos de concentra o em todo o *Reich*.

B- Desde o final de 1935 até 1944, D me Szt jay, um soldado e diplomata húngaro de origem sérvia, atuou como embaixador na Alemanha apresentando-se como partidário do nacional-socialismo. Em 19 de março de 1944, o Exército alemão ocupou a Hungria e, após 29 de março, Szt jay foi nomeado primeiro-ministro com a aprova o dos alemães. Szt jay, por iniciativa própria, implementou a persegui o massiva aos judeus. Durante sua gestão na Hungria ocupada, foram emitidas cerca de cem ordens antijudaicas destinadas   exclusão total de judeus, obrigando-os a usar uma estrela amarela como identifica o. Os judeus foram excluídos de todas as atividades públicas e de uma variedade de empregos, suas lojas foram fechadas e a renda acima de três mil peng  foi confiscada junto com carros, bicicletas, rádios e telefones. Em abril, os judeus começaram a ser isolados em guetos no leste da Hungria e no norte da Transilvânia, a o seguida da “concentra o” de judeus no resto da Hungria, exceto em Budapeste. Eles foram reunidos temporariamente em uma piscina e depois forçados a entrar em guetos maiores.



Membros de um batalhão judaico-húngaro de trabalho forçado construindo uma estrada. Cluj, Romênia (anteriormente, Kolozsvár, Hun.), 1943. Fotografia não identificada. United States Memorial Museum, cortesia de George Pick. Disponível em: <https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Hungary/Hungary_from_1918_to_1945>. Acesso em: 1º nov. 2019.

quase dois anos, com neve por cima das cabeças e embaixo dos pés. Íamos construindo *bunkers*, recolhendo minas, esses tipos de serviço. O caso é que o Exército também sofreu com aquele inverno rigoroso e, ainda mais, quando houve ataques de *partisans*. Eles achavam que os judeus iriam dar um sinal. Vejam, esse batalhão (do qual eu fazia parte) tinha mais ou menos 200 pessoas. No entanto, eu não fui com eles, fiquei por lá

porque tinha um suboficial que simpatizava comigo (não sei por que) e que fazia as pontes sobre o Danúbio. Eu cuidava de consertar aqueles braços [dormentes] de ferro. Ele dizia que precisava de mim, mas queria mesmo salvar minha vida, essa é a grande verdade. Então, fiquei por lá, e não fui o único. Eu percorria os hospitais, ia daqui para lá, sentava na caserna, ajudava a fazer fila, mas sempre com medo do capitão, que dizia: “Você, você, você faz um passo na frente”. Lembro-me de que fomos enviados com um grupo de judeus mais idosos, com seus 45-50 anos, para uma outra cidade, na Rússia. Bem, aí eu caí na pior [situação]. A Transilvânia estava repleta de pessoas de origem alemã, antissemitas seculares, terríveis. O que nós fazíamos lá? Cortávamos madeira para lenha e carregávamos árvores. Eram terríveis e muitos.

Eu me lembro de uma cena com um comandante de origem alemã, nascido húngaro. Ele falava assim para o batalhão: “Se eu escutar que um judeu chamou você de soldado húngaro, ele não vai apenas arrebentar os seus 32 dentes, mas vai ser castigado pelos judeus.” Imaginem o que eu já passei. Na verdade, eu passei o que os russos passaram com um frio de -40 graus. Quem pôde fugir, fugiu (húngaros, romenos, italianos), e nós entre eles. Os judeus foram acusados de serem os culpados por tudo o que estava acontecendo, consequência da propaganda antissemita. Caminhamos até uma cidade grande que estava próxima da fronteira com a Polônia. Lá me mandaram para o lugar onde ficavam os oficiais superiores. Como eu

era metalúrgico, deveria fazer balas de canhão, além de trabalhar na cozinha, onde ninguém mandava em mim. Mas, os russos avançavam sempre e, finalmente, chegaram até a Hungria. Eu tinha receio que passássemos para a Silésia e lá eles me entregassem para os alemães. Não me entregaram! Os russos chegaram até a metade da Hungria e aí os romenos ficaram completamente desmoralizados.

Eu tinha medo que eles (os húngaros) avançassem em direção da fronteira da Áustria (já estávamos perto) e me matassem. Eu queria fugir de qualquer maneira, fugir, eu não queria ir para lá. Como sempre eu fui um solitário. Os húngaros (como não tinham onde dormir) chegaram em poucas horas. Avançaram rapidamente, tão rápido quanto os alemães. Foi aí que vi uma casa velha, um lugar pequeno, onde me escondi. De repente, escutei alguém gritar

meu nome: “Rose!” Não me chamaram de Sandor e nem Rosenfeld, me chamaram de Rose. Pensei: “Alguém me denunciou, alguns de meus amigos, somos quatro ou cinco judeus”. Então escutei: “Desce daí que tem alarme!”. Eu desci e lá estava aquele suboficial que não falou uma palavra sequer. Estavam desmoralizados e também queriam fugir. Continuei com este grupo. Avançamos em direção à fronteira da Áustria e, quando estávamos quase chegando no cruzamento de uma estrada, falei para o suboficial: “Só da consciência é que eu não posso fugir!”. Ele olhou para mim e falou: “Rose, volta lá, para aquele lugar onde eu esqueci minha consciência”.

Nós praticamente dormíamos na rua. Ele disse novamente, mas com outras palavras: “Sandor, volta para você ficar lá”. Foi quando eu fugi pela segunda vez. Mas, guerra é guerra, não podemos confiar em ninguém, em ninguém! Se pegassem um fugitivo, fuzilavam. Eu encontrei uma outra casa abandonada, bem no alto de uma colina, e resolvi ficar por lá. Descobri, depois, que a casa havia sido de uns judeus e abandonada por eles. No térreo havia uma venda e, em cima, morava gente. Achei muito inseguro...



Tanque alemão entra em Budapeste durante a ocupação da Hungria, outubro de 1944. Fotografia não identificada. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:German_tank_in_Budapest,_October_1944.jpg>. Acesso em: 8 nov. 2019.

Esse lugar ficava perto de uma grande cidade húngara chamada Székesfehérvár, próxima de Budapeste. Lá, como é comum na Hungria devido ao forte inverno, havia um lugar para guardar alimento para os bois, vacas. Assim, eu mesmo fiz um buraco no monte de feno e ali adormeci imediatamente. De repente, escutei uns passos e vi umas botas bem na minha frente. O dono da casa percebeu que alguém estava no celeiro. Ele não tinha como saber que eu era judeu, pois usava um uniforme húngaro e aquela faixa no braço eu havia tirado. Ele me assustou. Mesmo assim, eu pedi “pelo amor de D’us”, em russo, que sei falar muito bem. Ele me chamou de senhor e disse em húngaro: “Bravo! Você pode ficar sossegado!”

Então, ele me deu uma roupa caipira e mandou que eu ficasse no celeiro, onde havia vacas e, todos os dias, traziam comida. Székesfehérvár era muito importante e, de repente, tivemos uns três dias de silêncio. Estávamos em um ponto estratégico muito importante, antes da fronteira austríaca, mas não chegamos lá. Porém, os russos sim, eles estavam ali! Vejam que situação: um húngaro me ajudou quando os russos estavam avançando. Foi quando encontrei novamente Dantjo Pall, aquele suboficial para quem eu disse “Só da consciência é que eu não posso fugir”. Ele me aconselhou: “Sandor, volta para lá que eu esqueci uma coisa. Vai, fica lá e foge!” Ele sabia do avanço russo e, como estavam desmoralizados, também começaram a fugir. E eu fiz o mesmo: fugi, mas caí prisioneiro dos russos, que me levaram...

Eu deveria ter procurado Dantjo Pall depois da guerra, mas não o procurei. Tenho vergonha, de verdade, pois ele salvou minha vida. Ele não precisava de mim! Poucos entre os húngaros foram bons com a gente, pois eram terríveis antissemitas. A maioria absoluta dos judeus húngaros era pobre, sapateiros, marceneiros.

Nós ficamos fechados em uma caserna e de lá não podíamos sair, somente se conduzidos por aqueles que nos vigiavam. Os oficiais do Exército húngaro, principalmente aqueles de origem alemã e radicados na Transilvânia há séculos, faziam chacota, tratando-nos como palhaços. Entre nós estavam alguns judeus religiosos e, para rezar, colocavam o *Tefilin**. Eu não podia falar nada, pois por qualquer coisa o sujeito era fuzilado. Tínhamos que engolir tudo. Esses judeus vinham das mais diversas partes da Hungria, sendo a maioria de Budapeste. Relativamente, da Transilvânia eram poucos. Eram de várias classes sociais, mas o mais difícil foi para aqueles da classe alta, que sofreram muito, fisicamente. Como



Desembarque de judeus húngaros do gueto da cidade de Beregovo (hoje na Ucrânia, apesar de então pertencer à Hungria). Auschwitz, maio de 1944. Na lateral do trem se lê: *Deutsche Reichsbahn* (Ferrovias Estatais da Alemanha). Fotografias dos SS Ernst Hofmann e Bernhard Walter, reproduzidas do *Álbum de Auschwitz*, com cerca de 193 fotos, 56 páginas. Doação de Lilly Jacob-Zelmanovic Meier. Yad Vashem, Israel. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848_410460.html#foto_gal_2>. Acesso em: 9 nov. 2019.



andar 70 quilômetros por dia na Rússia? Não foi brincadeira, eles não aguentaram. Não estavam acostumados com serviços pesados.

Nós conversávamos entre nós, sem restrição nenhuma, sobre tudo. Mas, tudo muito inseguro, imprevisível, pois não tínhamos a menor ideia do que ia acontecer. Não podíamos ouvir rádio, D'us! Nem poderíamos ter rádio, fuzilavam na hora. Se tínhamos alguma informação era através de conversas, de “papo”, por aí e por lá. Mas, assim mesmo, já sabíamos sobre o que estava acontecendo em outros lugares. Sabíamos que os judeus haviam sido levados para o *Lager*. No subconsciente ou conscientemente, eu sabia que eles iam perder a guerra, mas não sabia se eu iria sobreviver. Recordo-me sempre de uma cena na neve, que chegou a três metros, e também de um grupo que pegou tifo. Felizmente, eu não estava entre esses doentes. Todos foram queimados vivos. Simplesmente colocaram fogo naquela barraca e, se alguém tentasse escapar, fuzilavam.

Nós não tínhamos nada, nem roupa quente, nem luva. Só trabalho! Quando passávamos por essas cidades, a população nem sabia que éramos judeus, pois estávamos dispersados e não naquele grupo concentrado (no gueto ou no *Lager*, por exemplo). Éramos quatro, cinco,

seis rapazes entre as tropas húngaras, com a diferença que usávamos o uniforme com uma faixa amarela aqui [no braço esquerdo]. Dependendo da situação, eu tirava ou colocava a faixa. Mas, eu não tinha essa liberdade, era proibido, se não tinha ninguém olhando a gente tirava, sabendo que corria perigo. Um desses rapazes se converteu ao cristianismo e, nesse caso, ele usava uma faixa branca. Enfim, não aceitavam sequer os judeus convertidos como cristãos. Havia reação dos próprios judeus com esses judeus convertidos e que estavam no Exército: nós olhávamos feio para eles, renegados. Não sou religioso, mas nunca neguei minha fé.

Sou judeu! Isso é um crime? Mantenho meu judaísmo até hoje. Naquela época, entendo que cada um queria salvar a própria vida. Como exemplo cito o “Kapo” no campo de extermínio, que era escolhido entre os prisioneiros para levar aquele que ia para o forno. Fazia isso com a esperança de que poderia se salvar. Condenável? No fim, nem ele escapava. No meu grupo ninguém foi “Kapo”, não, não, não, não! Éramos todos iguais, como irmãos, pois na necessidade extrema todo mundo é irmão. Nos dávamos bem, maravilhosamente bem, com pouca esperança de sobreviver e sabendo que não tínhamos mais ninguém em casa.^A

Minha vida como prisioneiro

Final de 1944. A guerra ainda não havia acabado, a situação estava feia e muita gente morrendo. Caí prisioneiro dos russos! Foi a primeira vez que vi soldadas com metralhadoras, uma na frente outra atrás, para um ataque rápido. Nos levaram para uma cidade no sul da Hungria, onde estavam os

A- As operações para o extermínio dos judeus na Hungria foram rápidas, nesta sequência: **abril de 1944**, por determinação de Eichmann, cerca de 500 mil judeus do leste da Hungria foram confinados em guetos; **15 de maio**, início das deportações para o campo de concentração de Auschwitz, com cerca de três mil judeus por dia levados para o campo; **15 de maio a 9 de julho de 1944**, 434.351 judeus húngaros já haviam sido enviados para Auschwitz em 147 trens; **outubro de 1944**, os alemães apoiaram um golpe de Estado que colocou no poder Ferenç Szalasi, líder do partido fascista e antisemita da Cruz Flechada, com terríveis consequências para os judeus de Budapeste; **final de 1944**, cerca de 70 mil judeus da capital foram confinados no gueto central, e milhares enviados nas Marchas da Morte, sob o rigoroso inverno de novembro e dezembro; **janeiro de 1945**, as forças soviéticas entraram em Budapeste; **abril de 1945**, os alemães e seus aliados foram expulsos da Hungria Ocidental. Mais de meio milhão de húngaros estavam entre os seis milhões de judeus assassinados na Europa durante o Holocausto.

prisioneiros húngaros e alguns judeus, eu inclusive. Essa cidade se chamava Baja, encostada no Danúbio, e lá havia um campo para prisioneiros (muito grande) construído pelos alemães para prisioneiros russos. Agora a situação estava invertida. Eu não sabia falar **ídiche**, mas como alguns prisioneiros da Tchecoslováquia e Iugoslávia sabiam falar a língua eslava, me entenderam. Eles comentavam: “Como pode, nós somos prisioneiros junto com nossos assassinos?” Resposta: “Vocês vão para a Rússia e lá vai ser bom!” No entanto, sabíamos que de lá levavam os grupos, periodicamente, para a Sibéria. Qualquer fuga era impossível.

Durante este período – que estive prisioneiro nos batalhões de trabalho do Exército húngaro – passamos por algumas cidades da Rússia, mas somente de passagem. Eram cidades pequenas onde não haviam judeus. Lembro-me de que vi uma cidade russa (não me recordo o nome) que estava em ruínas, ruínas, ruínas. Nesse local, a população russa procurava por alguns bens e ouro, pois ali havia sido um bairro judaico. Era uma guerra que estava se desenvolvendo fora do *front*. Sabe como é? Não sabíamos com perfeição, não tínhamos ideia, mas a gente via que os alemães estavam fugindo e os russos avançando. Sabíamos que nossas famílias estavam sendo levadas para os Lager na Alemanha.

Resistência e sobrevivência no fim do mundo

A reação da população russa em relação às tropas húngaras era de repulsa, como qualquer um diante de forças de ocupação, se odiavam. Os húngaros não valiam um tostão para os nazistas, que não lhes davam nada, nem para eles nem para os cavalos. Eles precisavam se virar. Mas os russos sabiam de tudo isso, tudo, tudo, tudo. Eu trabalhava como ferreiro. Já viu judeu ferreiro? Então, eu escutava: “Hoje vem o baldeamento!” Não tinha dúvida, eles [os russos] sabiam tudo, pois tinham uma espionagem perfeita, e os *partisans* também.

Os *partisans* foram muito ativos, mas eu nunca cheguei a conhecê-los pessoalmente. Sabíamos dos ataques lá nas estradas, víamos pedaços de gente morta, de tanques em pedaços. Tudo isso era trabalho dos *partisans* russos! Eles sabiam tudo: sabiam sobre os judeus e até mesmo onde nós estávamos alojados. Onde? No fim do mundo. Os *partisans*, às vezes, chegavam, ajudavam, nos davam comida. Sabiam tudo sobre nós. Sabiam dos

judeus que estavam nas tropas húngaras, provavelmente através dos serviços de espionagem, não sei... Nunca cheguei a conversar com eles.^A

Os russos sabiam o que estava acontecendo na guerra e os *partisans* mais ainda porque conviviam (ainda que escondidos) com o povo, ou junto aos camponeses. Aqui uma curiosidade que os judeus brasileiros costumam me perguntar: “Por que vocês não se tornaram *partisans*?” Veja bem: na Iugoslávia, país de origem desses *partisans*, o povo ajudava com comida, esconderijos. Mas não ajudava a nós, judeus: éramos inimigos de todo mundo. Quem iria nos esconder se os húngaros eram (e ainda são) antissemitas? Nos entregavam, não tínhamos a quem pedir ajudar. Não houve meio, só se você fosse *partisan*, aí sim. Eu tive amigos que encontrei depois da guerra usando uniforme russo. Então perguntei: “O que aconteceu? Caiu prisioneiro da Rússia?” Resposta: “Não, eu fui como voluntário contra os alemães”. Só que ele não foi bem por vontade própria, foi forçado. Um deles tinha o sobrenome Salowitz, um típico russo alto, loiro. Não sei se ainda vive, acho que foi para Israel.

Os *partisans* não podiam enfrentar os alemães, o Exército. Eram grupos pequenos que se escondiam e se retiravam. A mesma coisa eles fizeram na Rússia: atacavam e se retiravam. Mas eles sabiam tudo, tudo. Escutei falar que os *partisans* poloneses matavam *partisans* judeus. Os poloneses foram os piores de todos. Ouvi falar, não assisti a isto. No caso dos *partisans* russos, eles eram desconfiados, compreensível. Eu posso imaginar qual foi o destino de meu irmão gêmeo, pois quando as tropas russas chegaram perto, muitos fugiram para o lado dos russos. Como a guerra foi feia, eles morreram

A- A resistência organizada não alcançou uma grande escala. Uma forma de resistência foi a atividade do movimento de resgate sionista *utsaluts*, que fornecia documentos de identificação falsos e ajudava os necessitados com dinheiro, comida e roupas, além de resgatar e esconder pessoas durante a guerra. As embaixadas de países neutros que permaneceram em Budapeste emitiram dezenas de milhares de passes de conduta segura para os perseguidos; esses documentos declaravam que seus proprietários estavam sob a proteção daquele país. Os sionistas duplicaram os certificados. As principais figuras da operação de resgate foram Angelo Rotta, o núncio papal na Hungria; o diplomata suíço Charles Lutz; o italiano Giorgio Perlasca; e o sueco Raoul Wallenberg, que foi sequestrado pelos soviéticos depois que ocuparam Budapeste.

em massa. Não adiantava você falar “Sou judeu!” No caso de dúvida, acabou, matavam na hora! Não confiavam! Nas tropas russas muitos eram ucranianos, assassinos frios. Quando eu caí prisioneiro, ainda em Budapeste, eles perguntavam: “Magyars?” [Húngaro?]. Então respondiam: “Boa gente”. Mas se falássemos “Judeu”, eles xingavam. Assim, ninguém falava que era judeu. Os ucranianos eram assassinos frios, e os russos brancos (ou todos os russos), menos.

Eu não cheguei a conhecer os *partisans*, mas percebíamos pelos ataques que aconteciam nas estradas (onde encontrávamos pedaços de gente, tanques arrebatados), que tudo aquilo era trabalho dos *partisans* russos! Lembro-me de alguns casos, como o de um padeiro com quem trabalhei um certo tempo. Um dia, quando eu precisava pegar um trem, um sargento me disse: “Você vai voltar para lá, pegar um cavalo e trazer mais um saco de farinha”. Respondi que não sabia lidar com cavalos, pois não tinha a menor ideia do que eles estavam querendo. Expliquei-lhe que a estrada estava repleta de corpos estilhaçados etc. Quando amanheceu, eles colocaram um tronco de árvore grande em um trem. Foi aí que percebi o que eles queriam: que eu e um amigo meu caminhássemos pela estrada para verificar se existiam minas. Nós é que iríamos explodir. Mas não adiantava, pois os fios das minas ficavam embaixo de neve. Estávamos em regiões minadas onde os *partisans* tinham o controle. Escondidos nas florestas, eles observavam o movimento das tropas! Sabiam tudo sobre os judeus.

Na tropa onde eu estava havia 200 rapazes, a maioria de Budapeste, que saíram da Hungria e nenhum deles voltou. Como aquele suboficial chamado Dantjo Pall, que achava que precisava de mim para fazer a construção de uma ponte sobre o Danúbio.

Entre os prisioneiros, os judeus não recebiam nenhum tipo de tratamento diferente, nada. Éramos tratados como igual ou pior que os alemães. Eu trabalhava como ferreiro. Já viu um judeu ferreiro? Éramos apenas alguns poucos judeus entre eles. Mas, não me lembro do nome de ninguém! Fazia muito frio, era janeiro de 1944. Estávamos cheios de piolhos, sem esperança de sair de lá. Como no campo de prisioneiros não havia água, precisávamos ir buscar fora da cidade. Cada dia saía um grupo, que caminhava uns 200 metros para trazer água com baldes.

Eu sequer planejava fugir, nem passava pela minha cabeça, não havia meios. Mas, ali havia dois sargentos húngaros, cujas noivas eram judias, e com os quais eu fiz amizade. Certa tarde, vi

um desses amigos na frente do grupo dizendo que iria trazer água. Como um raio, passou uma ideia pela minha cabeça (sem planejamento nenhum): vesti um macacão que tinha guardado e, por cima dele, coloquei o uniforme de Exército. Posicionei-me ao lado dele, que olhou para mim e não disse nada. Saímos num grupo de 10 a 12 pessoas, sem olhar para trás. Os soldados que vigiavam a porta principal nos deixaram sair para buscar água na fonte, onde também havia um soldado russo. Chegando lá eu tirei o uniforme, joguei fora e comecei a andar. Avistei a torre de uma cidade e fui embora. Ninguém atirou... Como isso aconteceu, até hoje não sei. Voltei para a Hungria!

Até outubro de 1944 quem mandava na Hungria era o regente Miklós Horthy (1868-1957)^A que se demitiu após os nazistas tomarem o poder. Aí foi terrível. Eles fuzilaram em massa os judeus jovens de Budapeste após confirmarem que eram judeus abaixando suas calças. Fuzilaram na hora e jogavam os corpos no Danúbio.

Nessa época que Horthy caiu, eu já estava na Hungria. Tinha esperança que tivesse acabado e eu iria me salvar. No entanto, começou o pior quando ele se demitiu e os nazistas tomaram o poder. Não sei como eu escapei, mas percebi que precisava fugir, pois os russos avançavam rapidamente. Eu havia sido mandado para o local do alto-comando para fabricar umas “bugigangas” para canhão, sei lá como se chamava. Tive sorte com a metalúrgica um bom tempo. Ali eu consertava armas para um suboficial e trabalhava também como ferreiro em uma espécie de oficina mecânica, vamos dizer assim. Tinha uma certa vantagem. Depois, fui mandado para trabalhar na cozinha, mas ninguém ligava pra mim. Fazia o que eu queria ou não fazia nada.

A- Desde 1930 a política do regente Miklós Horthy, de origem austro-húngara, favoreceu a aliança com a Alemanha nazista e, com o apoio de Hitler, conseguiu recuperar terras húngaras perdidas. Miklós incentivou o envolvimento nas invasões da União Soviética e da Iugoslávia, contribuiu com os esforços de guerra e a deportação de judeus húngaros e levou os alemães a invadir e tomar o controle do país em março de 1944. Em outubro do mesmo ano, anunciou que o país iria render-se e retirar-se do Eixo, razão pela qual foi forçado a renunciar. Foi preso e levado para a Alemanha, lá permanecendo até o final da guerra, quando foi libertado. Serviu como testemunha no Tribunal de Nuremberg e, em 1948, Miklós se estabeleceu e viveu em Portugal. Suas memórias *Ein Leben für Ungarn (Uma vida para a Hungria)*, foram publicadas inicialmente em 1953.



Monumento Sapatos às Margens do Danúbio, rio que divide a capital húngara em duas partes, Buda e Peste. Instalado a 300 metros do Parlamento, foi concebido pelo diretor de cinema húngaro Can Togay e projetado pelo escultor Gyula Pauyer, sendo inaugurado em 16 de abril de 2005 *in memoriam* aos judeus húngaros assassinados pelos milicianos da organização fascista húngara Cruz Flechada [Arrow Cross], em 1944-1945. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/ciencia/108844-a-triste-historia-por-tras-de-um-dos-mais-incomuns-monumentos-de-budapeste.htm>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

As tropas húngaras já estavam desmoralizadas. Então, eu peguei um balde na cozinha, fiquei vagabundando na frente deles. E aí eu fugi.

Cheguei naquela cidade da torre, uma cidade grande, capital de uma província no sul da Romênia: Timișoara. Eu não sabia o que fazer? E agora? Nisso apareceu um patrício, um judeu com barba, a quem fiz a seguinte pergunta: “O senhor pode me informar onde fica a *Chevra Kadisha**?” Eu fui até lá, e um senhor, um engenheiro moderno com a esposa, me aceitou mesmo cheio de piolhos, sem me perguntar nada. Ali fiquei sendo tratado como filho deles. Até hoje não escrevi nenhuma carta para eles.

A pergunta era: “O que fizemos para sobreviver?” Todos os dias íamos até a *Chevra Kadisha* para olhar se alguém mais havia voltado, com a esperança de encontrar sobreviventes. Fiquei, acho, três a quatro meses. Depois, expliquei que precisava retornar para minha casa, para ver quem sobreviveu.

De Timișoara fui até minha cidade, cerca de 200 quilômetros dali. Eu não tinha nenhum grupo de amigos por lá, estávamos espalhados. Quando cheguei em Cluj, fui até nossa casa, mas não encontrei ninguém da família. Estava sozinho, não foi nada alegre.

Um romeno sionista

Isso aconteceu em 1945, uns três a quatro meses após o fim da guerra. Em Cluj – onde eu nasci e vivi 21 anos – houve um desfile dramático, festejando o fim da guerra. E lá estava eu, sozinho, andando naquela fila de sobreviventes. Na primeira noite não sabia sequer onde iria dormir. Ninguém sabia nada! Soube que um meus irmãos, seis anos mais velho que eu, estava em Bucareste. Peguei um trem e fui para lá, mas a viagem não foi normal porque os russos jogavam pessoas (civis) para fora pela janela do trem. Eles andavam sempre bêbados, sempre foram beberrões. Consegui encontrá-lo e trazê-lo para casa. Então, eu lhe disse: “Olha, vou para a Palestina [Israel], não vou ficar aqui”. Ele não quis ir junto, pois tinha esperança que nosso irmão mais jovem iria aparecer. Infelizmente, ele não voltou.

Em Cluj, logo depois da guerra, juntei-me a uma turma de jovens interessados em ir para a Palestina para criar o Estado de Israel. Por acaso, eu entrei para o grupo sionista, o mesmo do qual havia participado meu irmão gêmeo. Neste *kibutz** nós trabalhávamos como sionistas, na linha do grupo *Hashomer*^A Depois da guerra, eu pensava assim: “Um dia vou ser livre, não quero luxo nenhum, como eu já não tinha. Se eu tiver uma sopa por dia, ninguém vai pisar em cima da minha cabeça. Vou estar contente. Vou para a

A- O grupo sionista *Hashomer* surgiu da união do grupo Dror – criado na Polônia a partir de uma ala do círculo de estudos Tze'irei Tziyon (Juventude Sionista) – com a maior parte do grupo Tze'irei Tziyon. Dessa união, em 1913, surgiu o *Hashomer Hatzair*, que entre seus membros destacou-se o herói Mordechai Anielewicz, líder da resistência judaica contra o Exército nazista no Gueto de Varsóvia, em 1943. Aqueles que permaneceram fora do novo grupo, formaram o Dror, em 1915, e alguns de seus membros participaram do Levante do Gueto de Varsóvia, enquanto que outros organizaram duas facções clandestinas no gueto de Białystok.

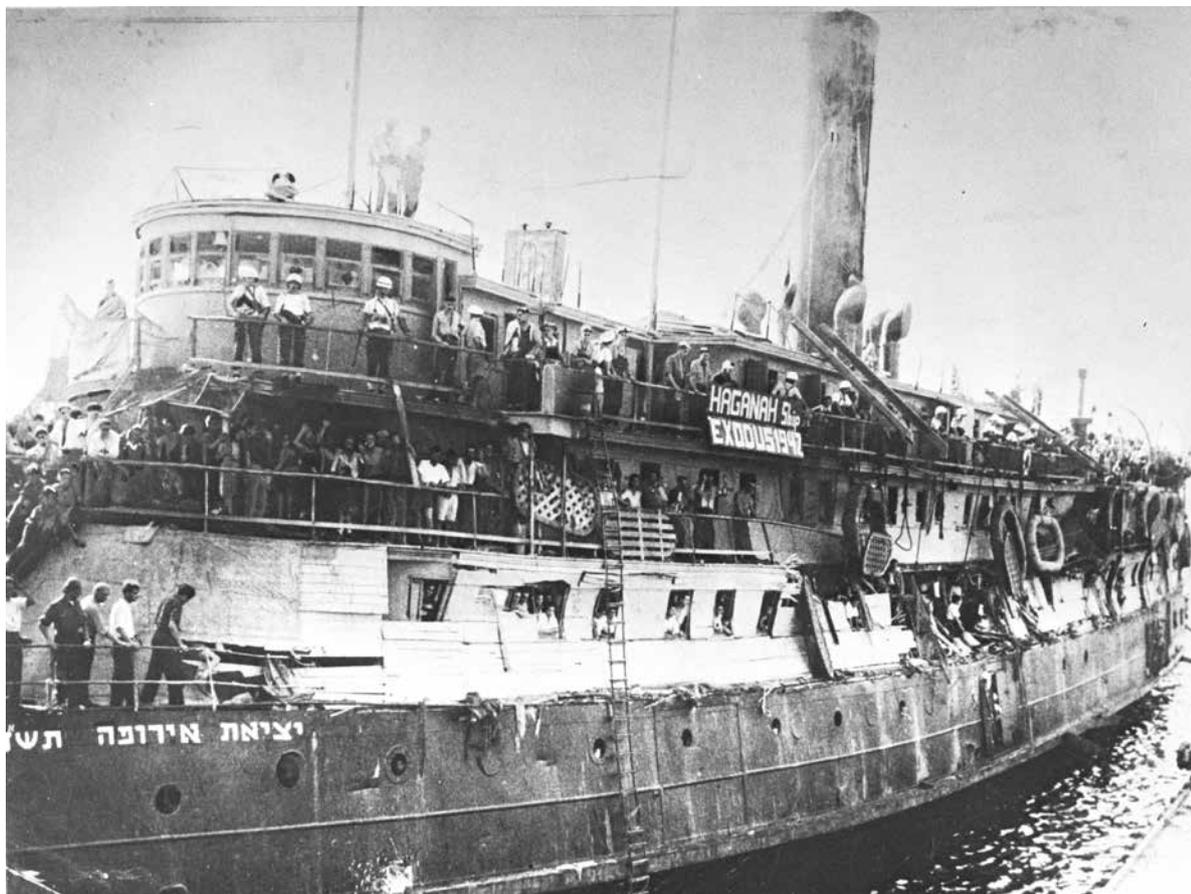
Palestina começar de novo uma vida”. Mas não foi bem assim que aconteceu. Tínhamos um ideal: fomos para a Áustria, com os “mandachugas” do *kibutz* fazendo negócio com dólar, até que veio a polícia. Não gostei, mas não tinha outra opção; como se diz em hebraico: “Quem nasce para tostão não chega a milhão. Então fiquei com o grupo.

Entre os líderes desse grupo lembro-me de Aviv, que quer dizer primavera, não? Lá estavam também os judeus poloneses, húngaros e romenos. Nos demos muito bem, cantávamos como nacionalistas. Éramos jovens, nos dávamos muito bem. Sei que os primeiros imigrantes pioneiros de Israel chegaram em 1909, quando Ben-Gurion e os outros foram para a Palestina para fundar Israel. Eles têm, na verdade, mais direito moral. E acho que até hoje eles, os grandes, são pioneiros, acho justo.

Nesse tempo, os russos devolveram a Transilvânia para os romenos e eu voltei a ser romeno novamente. Perto da fronteira da Hungria com a Áustria precisávamos “engraxar” os russos que não nos deixavam passar. Não sei quem “engraxou” porque eu não tinha um tostão. Como eles eram corruptos, conseguimos sair da Hungria, passar pela Áustria e chegar até o extremo sul da Itália, no Mediterrâneo, de onde saíam as embarcações clandestinas comandadas pelos sionistas em direção à Palestina, como o navio Exodus.^A

Isso demorou uns vinte meses. O que nós fizemos? Quem nos sustentou? Não sei se foi o JOINT ou a UNRRA. Aprendemos hebraico, escrever, falar e a nos preparar para começar uma outra vida. Só que demorei demais, pois nasceu minha filha. Nosso “grupo de *kibutz*” fez a *Aliyah** e foi embora. Nessa época, minha filha já tinha 8 meses e todos

A- Nem todos os sionistas acreditavam que o Estado Judaico seria criado apelando à comunidade internacional, mas através da luta de classes e dos esforços da classe trabalhadora judaica na Palestina. Os socialistas pregavam o estabelecimento dos *kibutzim* (fazendas coletivas) no campo e de um proletariado nas grandes cidades. A presença dos sionistas socialistas seria cada vez maior, chegando à maioria dos delegados a partir do 18º Congresso Sionista, realizado em Praga, em 1933. Os sionistas socialistas formariam o principal núcleo político dos fundadores do Estado de Israel, gerando futuros líderes, como David Ben-Gurion, Moshe Dayan, Golda Meir, Yitzhak Rabin e Shimon Peres. Essa cisão provocou a formação de um segundo bloco, chamado “Sionistas Políticos”, que tal como Herzl e Chaim Weizmann, priorizavam a independência do Estado de Israel por via diplomática. Ver: WEINSTOCK, 1970, p. 78; GRUBER, 1999.



Exodus, navio reduzido à sucata, foi conduzido ao porto francês de Sète, de onde partiu em 10 de julho de 1947 levando quatro mil judeus sobreviventes dos campos de extermínio rumo à ruptura do bloqueio britânico na Palestina. Ostentando uma bandeira com a estrela de David, a embarcação havia sido fretada pela organização sionista clandestina Haganá. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/SS_Exodus#/media/File:Exodus_1947_after_British_takeover.jpg>. Acesso em: 8 nov. 2019.

os casais que tinham crianças com poucos meses não podiam embarcar para a Palestina. Os ingleses não deixavam desembarcar em Haifa, forçando os ilegais a se jogar na água, como acontece hoje com os albaneses. Então, nós simplesmente ficamos na Itália.

Mas, após a guerra, a vida na Itália ficou difícil, com um desemprego terrível. No fim, alguns do nosso *kibutz* conseguiram fazer a *Aliyah*, emigrando para a Palestina. Foram poucos casais, porém não conseguiram desembarcar em Haifa, proibidos pelos ingleses, que os levaram para Chipre.

Nós ficamos na Itália: Rifka, minha esposa, eu e Maya, de apenas 8 meses. Eu conheci a Rifka naquele “*kibutz* sionista”, onde ela recebeu o nome de Anna, passando a assinar Anna Frankowitz Rosenfeld. Ela nasceu em Puedi (Transilvânia) e faleceu em S. Paulo

(Brasil) em 1986. Ficamos um tempo no acampamento de *Cinecittà* – a cidade do cinema, em Roma – que passou a abrigar refugiados de guerra de 30 nacionalidades diferentes, vindos de todas as partes do mundo: chineses, poloneses, iranianos, russos, ciganos e judeus sobreviventes de campos de extermínio nazistas. Muitos eram crianças e jovens com menos de 18 anos. Em *Cinecittà* ocupamos aquelas casas sem teto usadas para filmagens. Ali recebemos comida e não fazíamos nada. Não tinha o que fazer, não tinha serviço, nenhuma possibilidade de trabalho.^A



Anna Frankowitz Rosenfeld, esposa de Sandor Rosenfeld, 1946. Retrato existente na ficha de qualificação consular emitida pelo consulado-geral do Brasil em Livorno (Itália).
Acervo: Arquivo Nacional/RJ;
Arqshoah/Leer-USP.

A- “Em 6 de junho de 1944, a ‘Cidade do Cinema’ foi transformada em um posto destinado a abrigar milhares de refugiados, gerenciado pela Comissão de Controle Aliado. O complexo modernista de filmes parcialmente bombardeado foi rapidamente convertido em um campo de refugiados. Uma seção era administrada pelo Ministério de Assistência do Pós-Guerra italiano, e a outra metade controlada pela Administração das Nações Unidas de Assistência e Reabilitação (UNRRA). O diretor Marco Bertozzi e o estudioso de cinema Noa Steimatsky conseguiram rastrear vários ex-refugiados de *Cinecittà* através do documentário *Humanidade*, filmado em 1946 por Jack Salvatori e produzido pelo Instituto Luce sob a égide da UNRRA e do Ministério de Assistência do Pós-Guerra. As imagens revelam milhares de pessoas vivendo dentro de um labirinto alucinatório de caixas sem teto, espremidas entre seus poucos pertences pessoais, dentro de enormes estúdios cinematográficos.” (STEIMATSKY, 2009, p. 22-50; com tradução livre por Tucci Carneiro).

Pensei assim: “E agora o que vamos fazer?” Escutávamos falar do Brasil, mas não tínhamos dinheiro. Sabíamos que havia ditadura militar em toda a América do Sul e que os judeus não conseguiam ir para a Austrália, Canadá e Estados Unidos. Tentamos ir para os Estados Unidos, eu queria,



Sandor Rosenfeld e sua família ficaram abrigados neste acampamento para DPs em *Cinecittà*, a cidade do cinema, em Roma, 1946. Fotografia não identificado. *The Mit Press Journal*, 2009. Disponível em: <<https://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/octo.2009.128.1.22?journalCode=octo>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

lógico, mas não deixaram, pois não tínhamos parentes “chamando”. O governo brasileiro também estava proibindo a entrada de judeus, isso ainda em 1946-1947. Sei que os judeus deram um jeito e estou aqui. Creio que foi o JOINT ou o HIAS que pagou tudo. Como nós conseguimos o visto? De Roma fui para Florença, onde conseguimos o passaporte, sendo os nossos vistos permanentes emitidos pelo consulado brasileiro em Livorno,

sem mais nem menos. Como? Não sei. Não tenho a menor ideia, mas acho que legalmente!



Caminho percorrido por Sandor Rosenfeld desde Cluj, em 1942, até Livorno no pós-guerra. Em 1947 emigrou para o Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro e, em seguida, indo para S. Paulo.

Google Maps.

O Brasil como opção

Vimos para o Brasil no navio S. Georgi com vários outros judeus, dos mais diversos lugares. O navio estava caindo aos pedaços, flutuava torto, o tempo todo assim. Desembarcamos no dia 20 de fevereiro de 1947. Acho que devo ser grato ao Brasil [não só eu, mas todos os imigrantes] por toda a liberdade, todas as oportunidades que recebemos. Não podia ser melhor, porém ainda havia antissemitismo.

Muitas vezes eu escutei comentários antissemitas aqui no Brasil, isso há 30 anos. Lembro-

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 58562

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso SÁNDOR ROSENFELD

Admitido em território nacional em caráter permanente

Nos termos do art. 9.º letra ____ do dec. n. 1967, de 19. 45

Lugar e data de nascimento Budapest (Hungria) 7/10/1919

Nacionalidade húngara Estado civil casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Leopold Rosenfeld e Zseni Nussbaum Rosenfeld

Profissão Operário metalúrgico e estrangeiro

Residência no país de origem Não tem. Na Itália: Florença

Via Cavour IOO NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 1508 pedido pelas autoridades de Legação Suécia Roma, encar. int. hung. na data 30/9/1946

visado sed n. 144

ASSINATURA DO PORTADOR:
Rosenfeld Sandor

Consulado do Brasil em Livorno

17 de Dezembro de 1946

O CONSUL:

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Sandor Rosenfeld emitida pelo consulado-geral do Brasil de Livorno (Itália), com passaporte expedido pelas autoridades da Legação da Suécia em Roma, 30 de setembro de 1946. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

me de que fui pagar uma prestação na Casa Manon, na Rua S. Bento, e, por acaso, vi um espremedor de laranja em outra loja. Fazia muito calor. Pensei em comprar um, mas não tinha todo o dinheiro. Entrei na loja e disse:

– Eu gostaria de comprar aquele espremedor, mas pagaria apenas a metade agora. Já comprei aqui um ventilador um tempo atrás.

– Como é o nome do senhor?

Eu disse meu nome, eles procuraram e acharam. Paguei metade e eles começaram a empacotar. Nisso, um funcionário colocou um papel sobre o balcão e pediu que eu assinasse, à moda brasileira:

– O senhor assina aí...

– O senhor vai desculpar, mas eu não assino nada em branco!

Então ele falou:

– O senhor pensa que está na casa de judeus?

Eu fiz um escândalo e pedi a devolução do meu dinheiro. Então, eu disse:

– Eu sou judeu! Coloca uma placa lá na loja que o senhor não vende para judeus.



Sandor Rosenfeld e sua esposa Anna Frankowitz Rosenfel. S. Paulo, 1970.
Fotógrafo não identificado. Acervo Magdalena R. Lublinsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Muitos e muitos casos envolviam os judeus. Outra verdade: eu tinha uma pequena metalúrgica, uma microempresa, sendo alemães a maioria de meus fregueses. Sempre muito bem tratados, não posso negar.

Quando nós chegamos ao Brasil – e como praticamente chegamos em massa – os velhos imigrantes judeus que aqui já estavam procuraram nos ajudar, principalmente aqueles que tinham criança pequenas. Desembarcamos no Rio e logo viemos para S. Paulo. Aqui, eles pagaram duas semanas de um hotel que, apesar de ser de 5ª classe, foi muito bom. Fizeram todo o possível para arrumar emprego para nós. Para mim arrumaram um emprego em uma fábrica, uma metalúrgica de uns judeus austríacos. Ofereceram pagar metade do salário para mim e a outra metade para um amigo austríaco. Eu resolvi ir embora. Em seguida, trabalhei na Klabin fazendo a manutenção mecânica. Mas também pagavam quase zero. Vi que isso não era futuro para quem queria começar a vida. Trabalhei ali uns 3-4 anos como empregado, mas logo percebi que não iria resolver nada. Comprei um torno, com muito

custo, e comecei a trabalhar por conta própria, trabalhei demais em serviço muito pesado. Esse trabalho se chama “repuxação de metais”.

Minha sorte foi que eu sabia trabalhar, gostava daquilo que fazia. Mas nem sempre eu tinha serviço. Às 6h lá estava eu na oficina trabalhando. Vivi indo de casa para a oficina, da oficina para casa, sem muito serviço. Durante 37 anos forneci peças para uma firma alemã. Acabei vendendo a oficina, mas não me preparei para ser um aposentado. Parei de trabalhar com 75 anos. Hoje não sei o que fazer com meu tempo. A única coisa que faço é ir ao Macabi todos os dias de manhã fazer hidroginástica e praticar natação, durante 45 minutos. E depois faço o quê? Não tenho *hobby*, não sei jogar carta, não sei pescar. Sempre fui um retirado, não sou capaz de mudar.

Abraçando o passado

Desde que estou viúvo, há dez anos, namorei duas ou três senhoras. Visito minha filha todos os dias, com quem fico uns dez minutos, meia hora, e depois vou embora. Meu genro é médico, um bom rapaz, cada um tem seu carro, minha neta tem a vida mansa. Está tudo bem! Assistiu aquele filme “Está tudo bem? Eu gosto de filmes italianos, posso falar disso, não?”

Aqui no Brasil eu sou um estranho. Tenho um amigo (que chegou mais ou menos na mesma época que eu) que sempre diz: “Sandor, eu acho que estou sempre com a bagagem pronta para sair daqui”. Realmente, não me acostumei, sinto-me um estranho, não me encaixei, não me assimilei. Não me acostumei com o modo de vida aqui no Brasil. Conheço tantas canções húngaras, romenas, mas não aprendi uma única canção brasileira em 50 anos. Não porque não quisesse, não entrou no ouvido, é estranho.

Os brasileiros são pessoas maravilhosas em tudo o que fazem. Mas aqui não é minha terra; mesmo assim já tenho garantido um lugar no Cemitério Judaico do Butantã. Gosto de muitas, muitas músicas húngaras ou romenas. Vou cantar duas delas, traduzindo aqui: “Aonde você vai, você vai ver muitos olhos, mas lembra dos meus olhos também”. Eu gosto mais das [músicas] romenas por serem da minha infância. Eu falava bem o romeno, hoje já não sei mais falar. Uma vez dormi dirigindo na Rodovia Anchieta cantando canções

romenas bem alto. Eu gosto de todas, não sei bem nem o começo nem o fim. Começo no meio e acabo no meio, às vezes lembro ou não lembro...

Eu gostaria muito de ter emigrado para Israel. Sou um estranho aqui, dizia para uma amiga advogada brasileira, um amor muito intenso. Eu sempre falava para ela: “Eu sou vira-lata”, pois não precisava de luxo. Eu nunca tive luxo na vida, luxo não me atrai.

Da minha família, meus irmãos, ninguém sobreviveu. Aquele meu irmão que estava em Bucarest viveu uns vinte e poucos anos. Faleceu ano passado. Ele não gostava de Israel, não se encaixava lá. Dizia que a escrita hebraica era uma tragédia. Não gostava, não se encaixava. Eu acho que... eu gostava.

Tenho falado sobre minhas experiências durante a guerra, mas falo demais, como diz minha namorada: “Sandor, você sempre está abraçado ao passado”. Talvez ela tenha razão. Fui um dia desses na casa de Maya e meu neto (que raramente está em casa) estava lá. Comecei a falar de minha vida, que eu tive uma infância terrivelmente difícil. Contei que trabalhei como aprendiz uns três anos, antes mesmo de completar meus 14 anos. Trabalhava o dia todo sem ganhar um tostão, sequer tinha roupa. No fim das contas, naquela cidade onde nasci e vivi, eu senti vergonha de todo mundo porque quando você está pobre você se acostuma, mas nós estávamos bem de vida e caímos lá embaixo. Não foi fácil...

Provavelmente eu contei sobre o tempo da guerra, quando eu não tinha esperança de sobreviver. Aliás, ninguém tinha, como foi em tempo de guerra. Como uma folha seca que cai, levanta e o vento leva. De repente, deixa lá, escapou. Eu não queria ver gente com tanta humilhação. Eu tinha 25 anos, escapei, fui para casa onde jantei duas vezes, almocei duas vezes, conheci uma moça e fomos dançar. Lembro-me do filme “Décima quinta hora”, com Anthony Quinn. Passei mais ou menos pela mesma coisa, mas bem menos ameno.

Eu queria ir para Israel, me arrependi. Talvez não viveria muito mais, pois meus amigos morreram por lá, nas guerras. Sinto que minhas experiências influenciaram na educação de minha filha Maya. Cometi um grande erro! Como única filha, que nasceu depois da guerra, mimei-a demais.

O que é esperança? Esperança o que é? Olha que besteira vou dizer: eu não queria ter filhos porque, depois que eu vi na Europa o que passavam os judeus e não judeus, as mães que não eram mais donas de seus próprios filhos, os filhos que não eram mais donos da



Sandor Rosenfeld, 1987. Local e fotógrafo não identificado. Acervo Magdalena R. Lublinski/SP; Arqshoah/Leer-USP.

própria vida, falei: “Não quero uma criança!” Aconteceu! Procurei dar o máximo: escolaridade, educação. Talvez todos nós caíamos naquele “especialmente nós judeus” e procuremos dar tudo o que a gente não tinha. Meu genro faz a mesma coisa. Hoje, mantenho pouca relação com o judaísmo, apenas quando vou a um *Bar Mitzvá** ou *Bat Mitzvá**. Aí me sinto um judeu orgulhoso. Mas, fora disso, nada; vou ao Macabi, sento embaixo da árvore, puxo uma soneca, pronto. Lógico que me preocupo com Israel, com nossa existência física e com a existência de Israel. Ajudo o Federação Israelita, a UNIBES.

Quero deixar aqui uma mensagem para minha filha Maya, meu genro Felix e meus netos. Digo: “Seja gente, pronto!”

Minha mensagem:

Ultimamente, já com certa idade, eu fiquei pessimista, apesar de ter sido sempre um otimista. Diante dessas seitas que hoje existem na América e no Primeiro Mundo, dos suicídios em massa, pergunto: “O mundo enlouqueceu?” Eu lutei bastante! Mas quem

não batalhou? Todo mundo... Eu tive uma vida muito difícil. Uma coisa é muito triste: quando o pai morre e deixa crianças pequenas. Isso é terrível! Acabou a vida da gente pelo resto de nossa existência. Ele tinha 20 anos quando a guerra começou. Quem morreu com 39 anos foi meu pai. Da minha mãe nada sabemos, possivelmente tenha sido levada para Auschwitz e assassinada na câmara de gás.

Agora, para finalizar, passo a palavra para a minha filha Maya, minha filha única, seguida de meu genro Felix.

Estou muda...! Essa história eu já sabia, desde que eu nasci que ouço meu pai, várias vezes já ouvi a mesma história. Não sei se fui afetada, provavelmente afetou em alguma coisa, não sei exatamente em que, não sei. Nunca parei muito para pensar. Meus filhos também conhecem toda a história, já ouviram várias vezes, sempre ficam impressionados. Meu pai lutou bastante, passou por muitas [dificuldades], e se saiu muito bem apesar das dificuldades. Acho que é só.

Conheço a história do Sandor, meu sogro. Uma história kafkiana porque sendo prisioneiro dos húngaros como judeu e depois como prisioneiro dos russos sendo húngaro. Tudo isso lembra a história da “Vigésima quinta hora”, um livro que no fim é paradoxal a situação daquele que não sabe qual é sua situação, perseguido por ambos os lados. Na época jovem, Sandor saiu-se bem com uma coragem fantástica e depois continuou a luta.